

12-2015

Irmã Dominique, A 'Teresa de Calcutá' de Angola

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Irmã Dominique, A 'Teresa de Calcutá' de Angola. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol25/iss25/35>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

e “eu consegui ajuda regular dos Casinos da cidade e arredores”, que são zona de turistas. Na ajuda aos presos, ele privilegia os que têm pena mais longa, e aqueles, que nos Estados Unidos, estão na fila de espera para a cadeira elétrica que lhes porá termo à vida. Dos Estados americanos que têm pena de morte, diz o Allan que o pior é o Texas: por ano são cerca de 100 as pessoas que recebem tal pena. Não acreditei quando ele me disse que um miúdo de 10 anos já teve de se sentar na cadeira fatal – mas ele afirmou-o com convicção.

Uma nova Missão

Foi a partir dessa experiência de ajuda a quem passou pela cadeia, e porque entretanto ele foi fazendo uma caminhada espiritual, que o Allan, aos 42 anos, pensou em fazer-se missionário. Não sabe se voltará à Pastoral ao seu Centro do Filho Pródigo, entregue à gestão de um Grupo de cristãos quando ele entrou no Noviciado. Tanto faz, diz ele, desde que possa ajudar alguém a ser melhor e a ter esperança na vida. Acrescento que o Allan é diabético, mas tem uma conversa alegre que dispõe bem quem se senta a seu lado na mesa. Como dizem os brasileiros, é “piadista”. Ele transpira bondade e humor. Pensei: as pessoas podem valer pela cabeça que possuem e pelas ideias que aí geram, mas quem torna o mundo mais habitável são os bondosos, de coração aberto ao próximo. Ou, se nos quisermos referir ao Evangelho, aqueles que alinham com as bem-aventuranças do ideal cristão.

In «Encontro», Junho 2004, p 8 e 9.

IRMÃ DOMINIQUE, A ‘TERESA DE CALCUTÁ’ DE ANGOLA

Irmã Dominique era francesa – melhor dito, era basca do sul da França, e pertencia à Congregação das Irmãs Missionárias do Santíssimo Salvador, fundada na Alsácia. Estas Irmãs foram para Angola por 1930, levadas pelo grande pioneiro missionário que foi o espiritano alsaciano Mgr. Luis Keiling, Prefeito Apostólico do sul de Angola de 1908 a 1932. Centro e sul de Angola foram o campo missionário principal dessas Irmãs (alemãs, francesas e, mais tarde, angolanas). Tornaram-se uma das grandes Congregações Femininas da Missão angolana, ao lado das pioneiras – as Irmãs de S. José de Cluny; e depois as Irmãs

Teresianas, Mercedárias, Dominicanas de S.ta Catarina de Sena, Espiritanas e outras.

Jovem Religiosa, a Ir. Dominique trabalhou primeiro na Tunísia. Ainda jovem, fora depois nomeada para Angola e ficou no Bié. Por pouco tempo, pois bem cedo Luanda passou a ser a sua residência e local de trabalho, fazendo parte do grupo das Irmãs de sua Congregação que estavam ao serviço do Hospital Central, então denominado “Maria Pia” e hoje “Josina Machel” – as primeiras enfermeiras deste Hospital, que data do fim do século XIX, foram as então chamadas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas.

Irmã Dominique era enfermeira de pediatria, muito competente e dedicada, mas entendia de tudo quanto fosse doença, principalmente as tropicais. Mas grande parte da sua vida em Angola, dedicou-a primariamente às crianças doentes ou com problemas. Não só. Pela sua longa estadia em Luanda, pela nomeada e amizades que granjeou, pela sua capacidade de sentir pena, ela acudia a toda a espécie de problemas de quantos lhe batiam à porta: doença, necessidade de medicamentos ou análises, procura de médicos, vistos de entrada e estadia para missionários, contactos com Embaixadas e Consulados, questões familiares, toda a espécie de dificuldades. O Sr. Cardeal Nascimento costumava resumir tudo, dizendo: “é a Teresa de Calcutá de Angola”.

Fui durante 6 anos responsável da Comunidade cristã do povo que, vindo da Samba, do Bairro Azul, da rua D. António Barroso, tinha como referência a capela do ex-Carmelo, aonde as Irmãs se acolheram depois que o Governo lhes tomara a casa anexa ao hospital, para lá instalar o pessoal hospitalar cubano. Nessa qualidade, tive a graça de andar perto da Irmã Dominique e da sua Comunidade. Sempre vi a Ir. Dominique acolhedora, serena, disponível, nunca negando o que lhe pedissem e estivesse ao seu alcance. Nunca lhe vi o mínimo ar de impaciência ou irritação. De entre a gente que lhe batia à porta, na maioria pobres, alguns tratavam-na mesmo por “mãe Dominique”.

Devem-se-lhe iniciativas que marcaram. Visto o descuido que havia no ambiente hospitalar de Luanda, a Ir. Dominique e a Comunidade acolhiam em sua casa os missionários, eles e elas, que adoeciam. A malária, por vezes uma hepatite, efeitos de um acidente, levaram às suas mãos muitos dos servidores do povo e da Missão. Foram tratados gratuitamente – incluindo Bispos e o próprio Núncio. A vários que chegaram em estado preocupante, as Irmãs conseguiram restituir saúde. Estou revendo na imaginação uma Irmã brasileira chegada do Ambrizete (em semi-coma por causa da malária), e um Marista vindo de Ndalatando, ambos receosos de ter chegado ao fim, e que graças à Ir. Dominique não chegaram. Recordo apenas dois missionários sul-americanos que não resistiram à malária, perante a qual normalmente os sul-americanos são mais frágeis que os europeus e muito mais que os africanos. A um deles aconteceu, porque

quis regressar à sua paróquia de Viana antes de findar o tratamento, fiando-se mais no médico local do que na Ir. Dominique (e foi-se às 15 horas de uma sexta-feira santa). Era chileno e excelente sacerdote, com 40 e poucos anos.

Como o tratamento infantil era deficiente no Pavilhão da Pediatria, a Ir. Dominique passou a receber crianças na pequena enfermaria que organizara. Para bebês prematuros (recordo bem três casos), ela improvisou uma espécie de incubadora caseira, feita com berço, roupa e plástico: as crianças sobreviveram, cresceram – uma delas tornou-se boa corredora, ágil como uma pequena gazela. É a pequena Helena.

Outra vez, uns rapazes trouxeram-lhe uma menina de 10 anos que encontraram caída na rua, de cara ensanguentada: era epilética. Ir. Dominique recebeu-a, cuidou dela, guardou-a em casa, pois a família tinha-a abandonado – hoje é uma mulherzinha. Outras crianças de mães que faleceram no parto foram acolhidas pelas Irmãs; crescendo, passavam para o Centro infantil que a Congregação lançara em Benguela. De todas, guardo na memória o Gasparito, trazido pelo pai viúvo; ele cresceu no colo das Irmãs, tratava a Ir. Dominique por mãe, e hoje deve ter uns 12 anos.

Nos últimos anos, a Ir. Dominique passou a receber todas as manhãs os doentes que apareciam, sobretudo crianças e mães. Era sempre uma fila enorme diante da porta do seu pequeno Dispensário. Medicamentos? Algumas embaixatrizes residentes em Luanda formaram um Grupo de apoio à Ir. Dominique. A embaixada alemã ofereceu-lhe, várias vezes, enorme quantidade de remédios, que ela partilhava com Dispensários da Igreja no centro e sul do país. A ELF (Petróleos franceses) tinha as portas abertas para ela. Tinha confiança total de todos os potenciais doadores: todos estavam certos de que o que chegasse às suas mãos, era em benefício do povo e de quem estivesse em necessidade.

Partiu para a Casa do Pai. Que descanse em Paz.

In «Encontro», Janeiro 2005. p. 24-25.

INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO CESM

O CESM é um Projeto e um Programa de espiritualidade missionária que os Espiritanos desenvolvem desde há alguns anos, com iniciativas de retiros ou encontros de formação e espiritualidade, levadas a efeito em várias das suas Casas – Fraião, Silva, Porto, Torre d’Aguilha. Nos últimos anos,